

É curioso observar como mudam as máscaras ao longo do desenrolar daquela Comédia dell'Arte chamada "História do pensamento". Ou melhor: como as máscaras, cabore modificadas pela improvisação cômica, conservam os mesmos nomes. Por exemplo: a figura do filósofo faz parte da comédia há pelo menos dois mil e quinhentos anos. No entanto muito pouco dos gestos originais pré-socráticos é conservado por aqueles atores que resolvem fantasiar-se em filósofos na atualidade. De forma que é difícil justificar a afirmativa que um professor de Yale representa o mesmo papel representado outrora por Heráclito, o Obscuro, (por obscuro que seja o papel que o professor de Yale representa). Valeria a pena escrever uma história da filosofia enquanto história de uma máscara em Comédia dell'Arte.

Esta observação ocorre no seguinte contexto: tempo havia no qual o filósofo representava um personagem alienado da realidade cotidiana. Distraindo e cômico limitava-se esse filósofo romântico a explicar o mundo, quando importava a todos demais personagens da então comédia modificá-lo. Atualmente, é claro, o papel do filósofo é outro: é procurar justificar, de várias formas, o seu próprio papel, criticando para tanto, de preferência, o papel dos outros. Embora continuando ser pois figura cômica, (parente de Pantalão), o filósofo deixa de ser distraído, para passar a ser extremamente contraído. E isto tem por efeito que na comédia atual não consta figura a representar a distração alienada. Alienados os há de sobra, desde os yoguis californianos até os turistas alemães na Costa Brava, mas falta a específica alienação filosófica da primeira metade do século passado. E é pena, porque se filosofia tem algo a ver com "amor à sabedoria", (coisa incongruente atualmente, mas, afinal das contas, sugerida pelo termo grego "filosofia"), então a específica alienação distraída que mencionei é uma das dimensões mais interessantes da sabedoria. É possível que um dos poucos sábios possíveis na atualidade, (senão o único), seja o alienado distraído. E tal louco manso não tem papel na comédia que a humanidade representa nos dias que correm. Dada a superabundância das máscaras disponíveis para representar loucuras violentas, (desde panteras negras até os defensores das várias ordens estabelecidas), creio que uma palavra em louvor de um personagem como o é o filósofo alienado é perfeitamente cabível. A ela estará dedicado o presente artigo.

Note-se: o afastamento filosófico do mundo não é resultado do desespero por ante o mundo, ou pelo menos não deveria sê-lo. E, ou pelo menos deveria ser, uma recusa calma e sorridente a não importa que engajamento, depois de verificada a futilidade de todo engajamento. Mas é claro que tal calma sorridente é parente próxima do desespero. A Igreja chama a essa atitude "tristeza e preguiça do coração", e não distingue portanto entre calma e desespero. E temos dois depoimentos curiosamente contraditórios de Goethe a respeito. Um diz: "Feliz aquele que se fecha ao mundo sem ódio", e o outro: "Quem se entrega à solidão, ai, depressa está só, todos vivem,

VILÉM FLUSSER  
todos amam, e o abandonam ao sofrimento". E, com efeito, como distinguir entre o desespero perante o mundo e a superação da vaidade do mundo, e entre a bênção da solidão e o sofrimento da solidão que disto é resultado? Como saber, em outras palavras, se quem se afasta o faz por estar danado ou salvo? Quicá "salvação" e "damação" são sinónimos, e denotam a mesma situação de dois pontos de vista? Mas estas já são perguntas feitas no clima da filosofia alienada, em louvor da qual este artigo está sendo escrito. Obviamente sobram argumentos que sustentam a futilidade de todo engajamento, e estes argumentos têm aspectos universais e generalizáveis, e outros especificamente aplicáveis à atualidade. Os argumentos generalizáveis podem ser resumidos da seguinte forma: Quando me encontro pela primeira vez conscientemente, dou-me conta que o mundo no qual me encontro não é como deve ser, e decido-me a modificar o mundo. Essa decisão se dá no clima da repugnância ao ser assim do mundo, e no clima empolgante do oferecer-se ao mundo afim de alterá-lo. Os encontros subsequentes comigo trazem as seguintes contribuições decepcionantes: (a) passo a saber sempre menos bem como o mundo é, já que lhe descubro sempre novas facetas, e esta complacência faz com que não possa mais afirmar com igual veemência que o mundo não é como deve ser, porque para poder afirmá-lo, preciso primeiro saber como é o mundo. E isto é tarefa impossível. (b) Passo a saber sempre menos como o mundo deve ser, já que descubro sempre novos modelos, grupos de modelos, hierarquias de modelos, semelhanças antes insuspeitas entre modelos aparentemente opostos, e inconsistências interinas em todos modelos. De forma que não posso mais afirmar de boa fé que o mundo não é como deve ser, porque para poder fazê-lo preciso saber como o mundo deve ser, coisa impossível. (c) Passo a descobrir que o engajamento enquanto aplicação de modelo ao mundo não modifica apenas o mundo, mas também o modelo. De forma que todo engajamento resulta, se tiver êxito, não na realização do modelo no qual me engajei, mas na deturpação do modelo. (d) Passo a descobrir, primeiro nos outros, e depois em mim mesmo, que os motivos que fazem escolher um modelo em preferência a outros têm a ver não apenas com o mundo, mas também comigo mesmo, de forma que me engajo não apenas para realizar valores, mas também, e quicá principalmente, para realizar-me. Tal descoberta tira do engajamento o elemento de sacrifício, portanto sacral, que o inflamava. (e) Passo a descobrir que o mundo não esperava por meu aparecimento, (como acreditava no princípio, embora talvez sem confessá-lo), mas que pelo contrário resiste cretinamente e passivamente aos meus esforços de modificá-lo. De forma que meu engajamento não resulta em luta e derrota, (coisa que seria heróica), mas em indiferença e futilidade. (f) Passo a descobrir, (a descoberta a mais decepcionante), que nos poucos casos nos quais meu engajamento efetivamente resulta em modificação do mundo de acordo com modelos por mim escolhidos, o resultado não é a vivência de triunfo ou de satisfação pela tarefa cumprida, mas sim a vivência de desperdício da vida. A vitória deixa um gosto de mataborrão na boca muito mais que a derrota, o que do ponto de vista do engajamento pode ser lido como a descoberta da verdade de la

VILÉM FLUSSER

Palisse: "Plus ça change, plus c'est la même chose". E finalmente (g) descubro que tôdas estas descobertas, embora totalmente válidas, são aceitas um pouco fâcilmente demais por mim, já que justificam o desengajamento que a estas alturas busca não apenas por causa dessas descobertas, mas também por inércia e covardia. De maneira que a honestidade me força a admitir não apenas a validez dos argumentos contra o engajamento, mas também que o desengajamento que se segue resultará em o mundo continuando sendo como não deve ser, e na minha passividade diante deste fato, insofismável a despeito desses argumentos todos.]

Entre os argumentos especificamente aplicáveis na atualidade contra o engajamento, os seguintes podem ser enumerados: (a) os aparelhos instalados são projetados para transformar todo engajamento dirigido contra eles em mais uma contribuição em favor do próprio aparelho, de forma que, se porventura decidir-me contra o aparelho, devo saber que minha contestação resultará no fortalecimento do aparelho que contestá. (b) O aparelho dispensa engajados e exige funcionários, de maneira se porventura decidir-me a favor do aparelho, devo saber que tal decisão é contraditória em si mesma. (c) Há inércia não apenas da estagnação mas também do movimento, de forma que uma vez decolado um sistema, não apenas ninguém mais segura tal sistema, mas ainda ninguém mais precisa impeli-lo. Isto é uma maneira de dizer "nothing succeeds like success", (haja visto, no campo econômico por exemplo, a duplicação automática da renda bruta nos países desenvolvidos todos os dez anos), e também uma maneira de dizer "quem Deus perdere vult, demeritat", (haja visto, no mesmo exemplo, o desenvolvimento econômico a despeito da sua óbvia absurdidade). Dada tal inércia de sistemas supercomplexos como o são os atuais, (sendo "inércia" no caso sinônimo de "automação"), todo engajamento adquire atualmente um sabor levemente arcaico, o engajado passa a ser figura quixotesca, e a sentença "o homem engajado morreu na Espanha" passa a justificar-se. (Não apenas no campo econômico e político, mas em todos campos imagináveis, já que a inércia funciona em todos. As exposições de arte e os simpósios científicos são disto exemplos.) (d) A tendência atual para a transformação de modelos de comportamento, (valores), em modelos de funcionamento, (técnicas), opõe o engajado em valores ao funcionário técnico, e faz com que "engajado" se torne sinônimo de "ineficiente". De maneira que todo engajamento, além de fútil e arcaico, passa a ser anti-técnico, e isto é: cai na ridicularidade. Outros argumentos, igualmente ou mais válidos, podem ser apresentados, e nenhum invalidará o argumento apresentado sob (g) no parágrafo precedente.

Pois será este o tipo de argumentação que fará com que alguém se torne filósofo no sentido louvado neste artigo? Não o creio. Creio, muito mais, que o desengajamento de tal filósofo se dá por uma reinterpretação do termo "alienação", portanto do termo "realidade". O filósofo que louvo interpretará "alienação" como "afastamento da realidade", e dirá que o engaja-

VILÉM FLUSSER

mento no mundo pode muito bem ser alienação neste sentido. Dirá talvez que real é aquilo no qual eu creio, e que portanto a alienação é o afastamento daquilo no qual eu creio. De forma que se creio na realidade do mundo tal qual me cerca, o engajamento nele é honestidade, seja ou não seja fútil. Mas dirá ainda que tal crença é anti-filosófica, já que uma face importante da filosofia é duvidar daquilo que me cerca. De forma que o desengajamento do mundo é a honestidade que se impõe ao filósofo, embora o argumento (s) continue prevalecendo.

Disse no início a este artigo que o filósofo neste sentido talvez seja o único sábio possível na atualidade. E disse ainda que não creio que atualmente existe. Não existe, talvez, pela dialética da consciencia que a sua posição acarretaria, uma dialética que atualmente condenaria toda busca de autenticidade filosófica em inautenticidade existencial no imediato. Mas talvez não existe simplesmente pelo fato que a tecnicalização e especialização galopante da atualidade transformaria toda atitude verdadeiramente filosófica em pose vazia, (porque incapaz a resistir análises mais apuradas, e leituras mais exatas). De forma que a comédia que estamos representando não contém, no seu repertório a máscara da verdadeira filosofia, porque a verdadeira filosofia seria atualmente máscara vazia. E, repito, isto é pena. Porque, entre outras, uma consequência disto é que somos incapazes de discutir filosoficamente o problema do desengajamento, (e uso o termo "filosoficamente" no sentido vislumbrado, isto é como sinônimo de "desengajadamente"). É pena, porque o problema do desengajamento é problema crucial da atualidade.